

# Ciência e Cristo ou Análise e Síntese <sup>1</sup>

OBSERVAÇÕES SOBRE COMO O ESTUDO CIENTÍFICO  
DA MATÉRIA PODE E DEVE SERVIR DE AUXÍLIO  
PARA ASCENDER ATÉ AO CENTRO DIVINO

Meus amigos,

para homens destinados, como vós, a associar numa mesma existência o trabalho científico e o esforço cristão, é indispensável que as relações mútuas dos dois domínios «Ciência e Religião» sejam tão claras quanto possível. Esta concepção precisa se faz tanto mais necessária ao se recordar que as tentativas da Apologética, nesta matéria, nem sempre se mostraram muito equilibradas. Ora os apologetas se opuseram a descobertas incontestáveis, ora procuraram tirar dedutivamente, dos fatos científicos, conclusões filosóficas ou teológicas que o estudo dos fenômenos é incapaz de oferecer. Ora a Ciência é apresentada como uma Força maligna, tentadora, como uma mágica do mal; ora é exaltada como uma luz divina, como um nobilíssimo esforço proposto à ambição cristã.

Sem pretender abordar aqui de frente a questão de saber em que a Ciência é boa, indispensável mesmo, para o pleno desenvolvimento do cristão, tentarei (à guisa de introdução a esta questão fundamental) fazer-vos *amar cristãmente* a Ciência, estabelecendo as duas proposições seguintes:

1) O estudo científico do Mundo, uma vez que é essencialmente analítico, faz-nos inicialmente caminhar em sentido inverso das realidades divinas.

2) Mas, por outro lado, essa mesma penetração científica das coisas, ao nos revelar a *estrutura sintética* do Mundo, leva-nos a dar meia-volta, e torna a lançar-nos, por seu prolongamento natural, para o Centro único das Coisas, que é Deus Nosso Senhor.

## **I. Impotência da Ciência para encontrar a Deus no decurso de seus esforços analíticos**

Digam o que disserem os ultrapragmatistas, os utilitaristas, aquilo que o homem procura durante todo o curso de sua existência, o que ele persegue mais que o pão e todo o bem-estar material — é o saber. A própria essência de nossa vida é tender não a ser melhores, mas a ser mais. Ora, um instinto mais forte que todas as admoestações dos cétricos e dos falsos Sábios nos adverte a propósito: para ser mais, é mister inicialmente saber mais.

Arraijada em nosso espírito trazemos todos a convicção de que, nalgum lugar ao redor de nós, se acha oculto um Fogo misterioso, que é preciso arrebatrar para sermos felizes — chama para iluminar nossa visão sobre o sentido profundo do mundo,

<sup>1</sup> Texto de Teilhard de Chardin incluído no tomo 9 da Obras Completas, *Science et Christ*, retirado a edição em língua portuguesa da Editora Vozes, Petrópolis, 1974

instrumento para dominar e refundir as coisas. A humanidade sempre viveu, e vive ainda, desta esperança tenaz, segundo a qual podemos, de tanto perscrutar a natureza, descobrir o segredo do Real, apreender as forças do crescimento dos Seres: encontrar o Segredo, encontrar a Fonte. — E a pesquisa do sábio, por mais positivista que se afirme, se matiza, se orla — ou antes é animada invencivelmente, no fundo, por uma esperança mística...

Assim, pois, a tendência essencial de nosso espírito é procurar penetrar no coração do Mundo. Mas para onde deveremos dirigir os passos para chegar ao ponto desejado onde toda obscuridade deve fundir-se em luz, todo antagonismo tornar-se o dócil servo de nossa ação?

É provável que os Homens tenham podido, durante algum tempo, imaginar que o Segredo do mundo se ocultava no longínquo geográfico. Se pudéssemos, pensavam eles, chegar até às regiões mais distantes ou mais inacessíveis da Terra, conquistar o cimo do Olimpo, penetrar a profundidade das florestas, atingir a nascente dos grandes rios, colocar os pés nos antípodas, descer até às entranhas do solo impenetrável, encontraríamos sem dúvida a morada das Almas ou dos Deuses. Atingiríamos um prolongamento, ou mesmo uma outra face das coisas. Uma grande viagem, uma excursão arrojada, talvez isto tivesse bastado para nos colocar na presença do mistério que nos inquieta. O divino se nos ocultava apenas pela opacidade dos corpos ou então pelas névoas do horizonte.

Muito antes que uma exploração metódica tivesse terminado o circuito da Terra e a sondagem dos abismos, sorrímos, amigos meus, dessas fantasias de criança. A simples reflexão fez-nos ver que percorrendo o Universo na superfície apenas poderíamos encontrar, e sempre, algo semelhante a nós mesmos. O Mundo é formado por zonas sucessivas, por planos sobrepostos de esferas concêntricas de existências, que se comandam umas às outras. Para saber mais, urge deixar o círculo no qual se move a vida presente. Só conseguiremos a luz na profundidade. Só a veremos brilhar se, abandonando a casca dos seres, chegarmos a descobrir aquilo que se oculta neles, no fundo. O Homem, uma vez que compreendeu que poderia rodear todas as coisas sem nada encontrar que pudesse fazê-lo compreendê-las, decidiu-se a penetrar nelas.

Mas o que é, exatamente, «penetrar na profundidade» das coisas? Que significa essa metáfora? Todo ser possui dois pólos, um pólo inferior de onde sai, e um pólo superior para o qual ascende. Qual a dimensão que o torna penetrável, explicável? Deveremos enveredar pelo caminho preciso que desce até o segredo dos corpos, ou então o caminho velado que ascende aos prolongamentos da alma?

Para a grande maioria dos homens, até parece que a questão nem chega a se pôr. Quando queremos saber o que existe num apartamento, abrimos a porta — num relógio, desmontamo-lo — numa noz, quebramo-la. O primeiro movimento do espírito, que pretende saber em que consiste uma coisa, consiste em desmontá-la, analisá-la. Toda a Ciência surgiu deste gesto instintivo. A Ciência é essencialmente uma análise. Seu método de pesquisa e suas conclusões são dominados pelo seguinte princípio: o segredo das coisas reside nos seus elementos, de sorte que para compreender o mundo, basta chegar aos termos mais simples de onde saiu.

Conheceis tão bem quanto eu os espantosos progressos realizados, em nosso século, pelo homem, no seu trabalho de análise do Real.

1) No domínio da Matéria inanimada, chegamos a uma separação visual extraordinária dos elementos superiores e inferiores da Matéria — acima de nós (graças a medidas bem exatas que permitem situar os astros no espaço e apreciar-lhes a velocidade, graças a ampliações e a métodos fotográficos que individualizaram os elementos das nebulosas e fizeram surgir, aos milhares, as novas estrelas na abóbada celeste), começamos a formar uma idéia da estrutura sideral do Universal. E ficamos «esmagados», ao descobrir que a unidade superior, «macroscópica» do mundo, sua maior molécula conhecida é a nebulosa-espiral : milhões de Vias-Lácteas gravitando no espaço, a perder de vista.

Estendendo agora a análise ao domínio microscópico, vimos revelar-se a nossos olhos o segundo infinito de Pascal. Primeiro visualmente, depois indiretamente, por métodos de engenho e precisão admiráveis, fizemos aparecer, no seio da Matéria, uma série espantosa de unidades naturais decrescentes: partículas coloidais dançando sob o ultramicroscópico, moléculas circulando nos eletrólitos ou agitando-se nos gases, fragmentos de átomos eletrizados que agora sabemos contar e pesar, e acompanhar nas minúsculas fases de sua gravitação.

2) A dissociação que efetuava, ótica ou quimicamente, na Matéria bruta, a Ciência realizou-a também, paralelamente, no domínio da Matéria organizada. Sucessivamente, o ser vivo pareceu-nos formado de células — as células, compostas de protoplasma e de um núcleo. Julgávamos terminada a separação. De forma alguma. O núcleo revela-se agora de complicação extrema, e sua estrutura nuclear, incrivelmente complicada, é armada também sobre um edifício molecular «protéico» ainda incompletamente analisado, mas delimitado com precisão. Eis portanto, no próprio coração de nossa carne, descoberta a multiplicidade, não somente celular, mas química: por esta ligação, a substância viva irá atingir a série decrescente das moléculas e dos elétrons.

3) Enquanto deslocava os elementos materiais do Mundo, a Ciência ao mesmo tempo ia desmontando as suas forças energéticas. A extrema complexidade dos movimentos físico-químicos, desde aqueles que fazem gravitar majestosamente os astros até aqueles que fazem vibrar os últimos corpúsculos atingidos por nossas pesquisas, foi pouco a pouco se reduzindo a um grupo de componentes relativamente simples. Todo o equilíbrio do mundo pode reduzir-se a um grupo de equações que regem duas energias (a eletromagnética e a gravitacional)<sup>2</sup> e a algumas condições, exprimíveis num grupo de equações de quatro variáveis. Amparando-se reciprocamente, a análise das massas e a das energias chegaram a uma decomposição tão extrema das coisas em seus elementos naturais que conseguimos apenas discernir, como trama última do mundo, uma incrível pluralidade de partículas desmesuradamente simplificadas. E a propósito dessas partículas não poderíamos dizer o que é que as distingue entre si nem o que as separa do meio que as envolve. Essas parcelas últimas são tão numerosas, tão pouco individualizadas, que parecem formar uma camada contínua de energia.

<sup>2</sup> Se o próprio autor publicasse hoje este texto, acrescentaria as interações constatadas a partir de 1921: as chamadas interações fracas (radioatividade beta) e a interação nuclear ( N. E. ).

4) Ora, quanto a este Mundo infinitamente dissociado ao qual nos faz chegar a análise ativa, experimental, efetuada pela Ciência, um método diferente vem garantir-nos que ele não é uma realidade fictícia, um produto artificial de nossas operações sobre o Real. Se, ao estudo *espacial* dos corpos considerados no presente fazemos suceder o seu estudo *no tempo*, a observação de sua história, vemo-los dissolverem-se, dispersarem-se conforme a mesma lei. Nenhum ser orgânico (ou inorgânico) aparece deveras plenamente feito, plenamente formado. Manifesta-se porém à experiência como que apoiado numa série interminável de estados anteriores (estados diversos de condensação da Matéria, formas gradualmente esboçadas da Vida). Procuremos seguir até a origem essa cadeia de estados sucessivos: no extremo de uma queda no Passado, que só pode ser comparada à queda no pequeno realizada pela análise química das massas materiais, reencontramos o mundo das partículas. A análise histórica do Passado torna a alcançar a análise físico-química do Presente. Quer remontemos cientificamente às origens temporais do Mundo, quer penetremos nos segredos de sua estrutura atual, tudo se reduz de maneira semelhante a um fervilhar de elementos guiados apenas pelas leis estatísticas dos grandes números e do acaso.

Assim portanto, meus amigos, parece que a análise científica obteve pleno êxito em suas tentativas, de maneira inesperada. Quisemos quebrar a casca, abrir as Coisas: as Coisas *cederam* com espantosa facilidade. Sob nossos golpes, por sucessivas clivagens, foram-se gradualmente reduzindo a algo do qual não mais podemos afirmar se é Matéria ou se é energia. Tudo se fundiu numa espécie de energia dotada de um rudimento de massa e de estrutura, que representa ao mesmo tempo a forma mais geral das substâncias atuais do Mundo e o reservatório inicial de onde parece emergir todo o seu passado.

Ao termo deste magno esforço coroado de sucesso, ter-nos-emos aproximado do ponto central que desejávamos atingir? Teremos chegado mais perto do coração das coisas, de seu Segredo, de sua Fonte? Teremos enfim alcançado a explicação?

Sim, mas não da maneira como em geral se compreendeu.

A primeira idéia que acode ao homem que chegou, pela análise científica, *aos extremos limites inferiores* da Matéria, é que possui realmente, nas partículas últimas da Matéria, a própria essência das riquezas do Universo: *Os elementos contêm em si a virtude do todo: quem apreende os elementos possui o todo*. Eis o princípio admitido implicitamente por um sem-número de sábios e mesmo de filósofos... Se tal princípio fosse verdadeiro, deveríamos dizer que a Ciência nos acua ao materialismo. Pouco a pouco, com efeito, à medida que ia progredindo a análise científica, tudo o que é «alma» parecia se esvair de nossas perspectivas: o poder criador e providencial que conduz o Mundo se decompôs, para a Ciência, num feixe de leis evolutivas — a liberdade em determinismos; a vida orgânica em fenômenos físico-químicos; a luz em vibrações; as moléculas em elétrons. Uma após outra: a Divindade, a moralidade, a vida, a sensação, a continuidade... se foram apagando, para dar lugar a um fervilhar de elementos sempre mais impessoais. Se a análise, deveras, nos levou ao centro das coisas, isto é, *ao ponto extremo de sua realidade e consistência*, então acabou-se o espírito — acabaram-se o reinado do espírito e a prioridade do espírito! Tudo não passa, afinal de contas, de pluralidade e inconsciência.

Que se deve responder a isto?

Meus amigos, para quebrar o encanto mortal do materialismo, para encontrar

novamente o Mundo espiritual sem renegar a Ciência, temos apenas de colocar a seguinte observação: «a análise é necessária, é boa; mas ela não nos levou aonde estávamos pensando». O materialismo nasce de um erro fundamental de perspectiva: pela Ciência, pensamos muitas vezes ter atingido as esferas essenciais do Mundo, as regiões mais densas do Universo, o domínio da Consistência e do Absoluto. Mas de fato, ao segui-la, chegamos apenas *aos extremos limites inferiores do Real*, onde os seres se acham mais empobrecidos e rarefeitos. Queríamos a unidade, a síntese: encontramos-a, tanto a uma como a outra, mas não a síntese superior de riqueza, não a unidade de concentração — o que temos é a unidade de empobrecimento no homogêneo, a síntese por atenuação dos caracteres.<sup>3</sup>

Olhemos um pouco, com efeito, aquilo que a Ciência nos deixou, afinal de contas, para reconstruir o Mundo: átomos mais ou menos dissolvidos numa energia sem imagem. É muito inferior. Mas será ao menos alguma coisa? Será algo sólido, estável, imortal, absoluto? — De forma alguma. Se observamos mais de perto o resíduo matéria último onde se detém atualmente a análise, reconheceremos que representa apenas uma espécie de nebulosa inferior: é o insolucionado. É possível que jamais consigamos levar a decomposição do Real além do ponto a que chegamos. Não devemos daí concluir que tocamos um fundo de resistência, um primeiro elemento das coisas, uma simplicidade indecomponível, um substrato eterno. Toda a nossa experiência científica nos adverte: abaixo do elétron, da energia, a Matéria é ainda analisável, é indefinidamente decomponível em elementos naturais, no tempo e no espaço — não existem átomos, no sentido etimológico do termo. A Matéria é essencialmente pluralidade sem limites, poeira: é portanto impossível construir sobre ela. E quem pretendesse segui-la até ao seu extremo, tenderia ao nada. A Matéria não é um fundamento estável do Mundo: é uma *direção*, na qual as coisas vão desaparecendo sempre um pouco mais à medida que vão perdendo um pouco mais de unidade.

Era necessário que descêssemos até aos «átomos» para compreender esta verdade; mas agora é mister que não o esqueçamos mais: pela análise deixamos escapar-nos aquilo que representa o preço e a solidez dos seres: a *única consistência* dos seres lhes é dada por *seu elemento sintético*, isto é, por aquilo que é, em grau mais ou menos perfeito, *sua alma, seu espírito*.

Voltemos atrás, para criticá-la, e retomemos a operação de análise que nos levou gradualmente desde as alturas da vida racional até ao borborinho particular dos elétrons. Procedemos por fraccionamentos sucessivos. A cada operação separávamos dois elementos: um princípio ordenador, imponderável, inalisável, sintético — e elementos ordenados (ponderáveis). A cada vez, em virtude mesmo da análise, o princípio ordenador se desvanecia. Portanto, concentramos nossa atenção sobre os elementos ordenados que nos pareciam de natureza mais estável. Estes, por seu turno, cederam à análise, revelando uma nova ordem e reduzindo-se a subelementos. E assim por diante. Desta forma, deixamos a estátua para estudar o grão de mármore; a sensação luminosa, para conservar a vibração do éter; a vida celular, para nos apegarmos aos grupamentos químicos, etc. Em assim fazendo julgamos dirigir-nos para o mais sólido, para algo que seria um elemento primário não ordenado. Era uma busca

<sup>3</sup> A chamada “síntese” científica (cf. teoria geral das radiações da gravidade) mais não é que a redução do Real a *um mínimo elemento comum*.

impossível. Sem dúvida, descobrimos desta maneira uma certa lei segundo a qual é construída a realidade, lei de hierarquia e complicação crescente na unidade. Mas a própria Realidade como tal, a Coisa suprema que desejávamos atingir, escapou-nos — e mesmo se afastava de nós sempre mais a cada nova análise, tal como se afasta a luz daquele que persegue o seu refluxo. Caminhamos com efeito na direção em que tudo se decompõe e se atenua: ora, o Absoluto, o Compreensível, acha-se no centro, na direção em que tudo se acentua até não fazer mais que um só. Toda coisa é algo mais que os elementos de que se compõe. E esse algo mais, essa alma, é o verdadeiro liame de sua solidez.

Poderíamos dizer que, tomadas individualmente ou em bloco, as coisas possuem uma estrutura *semelhante à de um cone*. Num cone existem um vértice e uma base, um centro de convergência e uma região de indefinida divergência. Um observador que segue o eixo de um cone indo para o vértice acaba por atingir o ponto onde todas as geratrizes se encontram e se ligam. Um caminho em sentido inverso conduz a uma dissociação sem limite dos elementos da figura. Pois bem, pela exploração analítica do Mundo caminhamos rumo à base do cone: eis por que o Mundo aparentemente se dissipou entre nossas mãos. Não se trata de um fracasso. Pelo contrário, é uma grande descoberta. Com este sinal da pulverização crescente dos seres que nos cercam, podemos finalmente fixar o ponto do Universo até onde chegamos, compreender sua estrutura, obter a respeito das coisas uma perspectiva verdadeira, decidir em que direção se oculta aquilo que procuramos. Sabemos agora o que significa: «penetrar no coração das coisas». Para atingir a zona luminosa, sólida, absoluta, do Mundo, não se trata de ir *ao mais profundo para baixo ou ao mais distante para trás, mas rumo ao mais interior na alma e ao mais novo no futuro*. O Elementar e o Passado são tão vazios de mistério quanto a profundidade geográfica dos continentes e dos abismos. Somente por uma *miragem* que nos faz ver o segredo dos seres em sua *origem* (as «origens» fogem sem cessar diante de nós como o *horizonte*): não se encontra a origem das coisas assim como também não se acha a *nascente de um rio*: «cresce eundo».<sup>4</sup> A explicação e a consistência do Mundo devem ser procuradas numa Alma superior de atração e solidificação progressivas, sem a qual a radical pluralidade do Universo jamais teria saído de sua poeira. Àquele que sabe ver, a análise da Matéria revela a prioridade e o primado do Espírito.

## II. O retorno «científico» ao Centro divino

Meus amigos, qual há-de ser nosso método — qual será o nosso guia, para penetrar o Real na direção nova que acaba de nos aparecer como o verdadeiro caminho da pesquisa e da descoberta? — Como, depois de haver descido o declive que leva automaticamente ao mais elementar, o mais dividido, o mais antigo, conseguiremos reconhecer os caminhos imprevisíveis e complicados que sobem ao mais sintético, ao mais novo? Poderemos, no curso desta nova jornada, pedir ainda à ciência que nos conduza? Mas ela nos conduziu ao pólo de dissociação das coisas. Será ela capaz de nos fazer remontar ao de sua suprema associação?

Muitos assim o crêem, e com certeza já os ouvistes afirmar: «A Ciência tem força suficiente para nos salvar, ela sozinha». Precisamente, por haver decomposto

<sup>4</sup> Cresce correndo (N. E. ).

todas as coisas, a Ciência tem o segredo de tudo recompor: ela se apoderou portanto da força da qual fazíamos o apanágio de Deus. «Vejam — dizem — a que resultados já chegamos. Sabemos (ou breve o saberemos) fazer o éter vibrar a nosso bel-prazer, construir edifícios moleculares extremamente complicados que se acham no caminho da Matéria organizada. Chegaremos talvez um dia a realizar artificialmente condições tais que poderemos fazer germinar, como nos aprouver, a vida. Por que não seria possível apoderar-se de energias consideradas mais sagradas ainda? As ciências médicas e psíquicas ainda estão tateando no empirismo. Mas não proferiram a última palavra. Será que não conseguiremos, dominando as energias do corpo e da alma, libertar-nos metodicamente dos limites de nosso organismo, e espiritualizar-nos cientificamente?...»

Encontramos, ainda há pouco e tentamos superar a ilusão, a tentação, que nos queria fazer acreditar que não passávamos de matéria. Como iremos superar esta outra perspectiva, falsamente científica, segundo a qual já nos tornamos como deuses?

Seria muito imprudente, reconheço, fixar de antemão à síntese científica um ponto que ela jamais consiga ultrapassar. Evitarei portanto apoiar-me em quaisquer predições desse gênero, predições que os fatos na maioria das vezes se encarregaram de desmentir. Direi mesmo o seguinte : Nosso dever de Homens é agir *como se não existissem limites a nosso poder*. Tornando-nos, pela existência, os colaboradores conscientes de uma Criação que vai prosseguindo em nós para nos levar provavelmente a um fim (mesmo terrestre) hem mais elevado e afastado que imaginamos, devemos ajudar a Deus com todas as nossas forças e manipular a matéria como se nossa salvação dependesse exclusivamente de nossos esforços.

Mas, concedido isto, farei a seguinte observação que, hem compreendida, basta para desembaraçar a conquista científica do Mundo de todo espírito de soberba e endurecimento: sejam quais forem os progressos da Ciência no domínio da Matéria e na arte de desencadear as potências da vida, jamais devemos recluir que tais progressos nos obriguem alguma vez, logicamente, a diminuir nossos esforços; pelo contrário, devemos estar certos de que servirão apenas para fortalecer mais imperiosamente, em nós, as molas do esforço moral e religioso.

Impossível, contraditória, quando se reflete a propósito, é a tentativa de forçar a- ou i-moralmente como Titãs as portas da mais-vida. O esforço para a unidade orgânica é agravado essencialmente (por estrutura) por uma atitude interna do coração e da vontade. *A síntese científica do Homem* (se assim podemos falar) *prolonga-se tão necessariamente em progresso moral quanto a síntese química das substâncias protéicas em manifestações biológicas*. Proceder como os Titãs? — impossível. E por quê? 1) porque síntese unificante *in se* = *a* virtude; 2) porque síntese unificante *inter se* = *a* centro. Somos sempre tentados a considerar a moralidade da vida, a visão mística das coisas, como fenômenos subjetivos superficiais, como energias de um estofo físico inferior. Na realidade, tanto uma como outra representam em nós o prolongamento direto das potências que construíram, sob o influxo criador, os sucessivos círculos do Mundo. São elas o índice, a medida, os fatores da verdadeira síntese orgânica do espírito.

Quanto mais avançarmos, pelos caminhos da matéria, rumo ao aperfeiçoamento de nosso organismo, tanto mais será necessário que se manifeste a unidade conquistada por nosso ser, e se conclua, nas fibras de nossa consciência, pelo

domínio do espírito sobre a carne, pela harmonização e sublimação das paixões.

E quanto mais nos aproximarmos, pela convergência laboriosa de nossos esforços, do centro comum para onde tendem os elementos do Mundo, tanto mais também deveremos, átomos conscientes do Universo, subordinar-nos «por construção» às ligações sempre mais vastas, à influência dominante, universal, deste centro melhor conhecido — e tanto mais deveremos adorar.

Longe de mim, meus amigos, a idéia de deduzir os dogmas cristãos apenas de inspeção das propriedades reconhecidas por nossa razão na estrutura do Mundo. O Cristo, assim diremos, é a plenitude, o princípio sintético do Universo: Ele é portanto algo mais que todos os elementos deste Mundo ao mesmo tempo, isto é, ele não pode ser deduzido *a partir deles*, embora seja por eles esperado.

O que é legítimo e reconfortante, como vamos fazer, é constatar até que ponto as concepções cristãs vêm harmoniosamente responder àquilo que procuramos. A Ciência, vimo-lo já, pelas próprias impotências de seu esforço analítico, ensinou-nos que deveria existir, na direção em que as coisas se complicam na unidade, um Centro supremo de convergência e de Consistência, onde tudo se une, e pelo qual tudo se sustém. Gozemos (o termo não é forte demais) ao observar como Jesus Cristo, por sua moral mais fundamental e seus atributos mais seguros, vem admiravelmente preencher esta lacuna marcada pela expectativa de toda a Natureza.

Jesus pregou-nos a pureza, a caridade, a abnegação. Mas qual é o efeito específico da pureza, senão a concentração e a sublimação das múltiplas potências da alma, unificação do Homem em si? — Que realiza, por sua vez, a caridade, senão a fusão dos indivíduos múltiplos num só corpo e numa só alma, a unificação dos Homens entre si? — Que representa, finalmente, a abnegação cristã, senão a desconcentração de cada Homem em favor de um Ser mais perfeito e mais amado, a unificação de tudo em um?

E agora, o próprio Cristo, quem é ele? Abri as Escrituras em suas passagens mais graves e mais autênticas. Interrogai a Igreja sobre suas crenças mais essenciais. Aprenderéis o seguinte: Cristo não é um acessório acrescentado ao Mundo, um ornamento, um rei como os que constituímos, um proprietário.. . Ele é o alfa e o Ómega, o princípio e o fim, a pedra do alicerce e a chave de abóbada, a Plenitude e o Plenificante. É aquele que consuma e aquele que dá a tudo sua consistência. Para Ele e por Ele, Vida e Luz interiores do Mundo, realiza-se, no gemido e no esforço, a universal convergência de todo o espírito criado. É ele o Centro único, precioso e consistente, que resplandece no vértice futuro do Mundo, no oposto das regiões obscuras, eternamente decrescentes, aonde se aventura nossa Ciência quando desce o caminho da Matéria e do Passado.

Em face desta harmonia profunda, que liga e subordina, aos nossos olhos de cristãos, a zona do múltiplo e a da unidade, o domínio essencialmente analítico da Ciência e o ultra-sintético da Religião, parece-me, meus amigos, que podemos tirar as seguintes conclusões, que constituem a moral deste discurso longo demais:

1) Antes de mais nada, não tenhamos medo, nós cristãos, e não nos escandalizemos a torto e a direito com os resultados da pesquisa científica, quer em física, quer em biologia, quer em história. Há católicos que se mostram desconcertados quando se lhes mostra — ou que as leis da Providência se decompõe em determinismos e em acaso — ou que sob nossas potências mais espirituais se ocultam edifícios materiais muito complicados — ou que a religião cristã tem raízes num



desenvolvimento religioso natural da consciência humana — ou, finalmente, que o corpo humano supõe uma série imensa de desenvolvimentos orgânicos prévios. Esses católicos negam os fatos, ou então os receiam. Mas isso é um grande erro. As análises da Ciência e da História são muitas vezes exatas; mas nada tiram, em absoluto, da onipotência divina, nem da espiritualidade da al- 42 ma, nem do caráter sobrenatural do Cristianismo, nem da superioridade do Homem sobre os animais... A Providência, a alma, a vida divina, são realidades sintéticas. Como têm a função de «unificar», supõem, fora e abaixo delas, um sistema de elementos: mas esses elementos não as constituem, esperam delas, ao contrário, sua «animação».

2) A Ciência não deve portanto perturbar-se em nossa Fé, por suas análises. Deve, ao contrário, ajudar-nos a melhor conhecer, compreender e apreciar a Deus. Quanto a mim, tenho a convicção de que não existe mais poderoso alimento natural para a vida religiosa que o contacto das realidades científicas bem compreendidas. O homem que vive habitualmente na companhia dos elementos deste mundo, o homem que pessoalmente experimentou a esmagadora imensidade das coisas e sua miserável dissociação — este, tenho certeza, adquire uma consciência mais aguda que ninguém tanto da imensa necessidade de unidade que impele o Universo sempre para a frente quanto do inaudito futuro que lhe está reservado. Ninguém como o Homem debruçado sobre a Matéria compreende até que ponto o Cristo, por sua Encarnação, é interior ao Mundo, enraizado no Mundo, até ao coração do menor dos átomos. Comparamos a estrutura do Universo à de um cone: só é capaz de apreciar devidamente a riqueza incluída no vértice do cone aquele que previamente avaliou a dimensão e o poder da base.

3) É inútil, por conseguinte — e injusto, opor a Ciência e o Cristo, ou separá-los como dois domínios estranhos um ao outro. A Ciência, sozinha, não pode descobrir a Cristo — mas o Cristo sacia os anseios que nascem em nosso coração na escola da Ciência. O ciclo que leva o Homem a descer até às entranhas da Matéria em pleno Múltiplo, para, daí, remontar até ao centro da unificação espiritual, *é um ciclo natural*. Poderíamos afirmar que *é um ciclo divino*, pois foi seguido primeiramente por Aquele que teve de «descer aos infernos» antes de elevar-se até aos céus, a fim de preencher todas as coisas: «Quis ascendit nisi qui descendit prius, ut impleret omnia». <sup>5</sup> \*

\* Conferência proferida em Paris, no dia 27 de fevereiro de 1921.

<sup>5</sup> Segundo Ef 4,9 e 10.